
Notas Bibliográficas

EUVÉ, François: *Science, foi, sagesse: faut-il parler de convergence?*
Paris: Les éditions de l'Atelier/Ouvrières, 2004. 190 pp., 21,5 X 13,5
cm. ISBN 2-7082-3733-0.

O A. é um professor jesuíta de teologia no Centre Sèvres de Paris, com formação e docência em física, unindo os dois conhecimentos necessários para tratar o tema: teologia e ciência.

O texto capta desde o início a nova configuração do momento atual da relação entre ciência e religião. A ciência perde a auréola de onipotência ao ser contestada por muitos de seus malefícios causados à natureza. A religião deixa para trás a onda secularizante e assiste a um retorno ou a uma recomposição. Esses dois fenômenos se ligam por meio do interesse pela natureza, do cuidado ecológico, da espiritualidade cósmica em direção à unificação da matéria e espírito.

Nesse contexto, emerge uma busca de sabedorias e religiões do Extremo-Oriente, até mesmo em meios de formação científica, não sem certa ponta de crítica ao Cristianismo pela sua influência na gestação da tecnociência atual. Ele passou de grande adversário da modernidade para seu gerador.

O debate entre ciência e religião transformou-se profundamente em relação ao final do século XIX e aos inícios do século XX. Corre-se o risco de apologéticas fáceis e concordâncias artificiais. Não se trata simplesmente de questão acadêmica, mas envolvendo o ser humano quanto a sua natureza, a seu lugar no universo, a sua relação com o conjunto dos seres vivos e inanimados. Há quantidade enorme de questões levantadas recentemente que afetam a relação religião e ciência. Fica a pergunta: que ciência? Que religião?

O A. pretende oferecer elementos de discernimento para essa situação complexa. Requer-se para tal, não tanto um acúmulo de informações para complexificar ainda mais o quadro, mas levar em consideração juntamente: informação pertinente, inteligência da situação e decisão comprometida.

Como se trata de uma questão que alcançou a publicidade, o A. começa com um levantamento de questões lançadas na grande mídia a fim de captar os grandes temas. Problema mais agitado no mundo cultural anglo-saxônico que latino. Há uma busca de ordem e harmonia cósmica de que a religião seria garantia, sem necessariamente desembocar na fé de um Deus pessoal. À época conflituosa, simbolizada pelo caso Galileu Galilei, segue-se uma época de reconciliação. Confi-

gura-se uma epistemologia diferente da do positivismo, ao valorizar a mediação simbólica da linguagem e seu caráter interpretativo.

Num capítulo seguinte, o livro busca uma melhor percepção dos limites e das possibilidades do método científico que abandonou o discurso arrogante de outrora para recolher-se com modéstia ou até mesmo com certa dose de cepticismo a posição mais reservada.

Novos paradigmas ressaltam a complexa corrente ecológica que se transformou numa encruzilhada de temas, envolvendo dimensões científicas e religiosas. Num mundo esfacelado e fragmentado, busca-se uma visão global e holística, pondo em questão o próprio lugar do ser humano. Aparece cada vez mais a sua ligação com a natureza e o primado da vida. Além disso, insinua-se uma atmosfera apocalíptica na atual literatura. A antropologia emergente do pensamento ecológico merece reparos no sentido de não valorizar suficientemente a originalidade do ser humano em relação ao resto da natureza. Eis a preocupação do capítulo terceiro.

No seguinte, explora-se a conotação espiritual, mística que afeta a relação do homem com a natureza, amplamente trabalhada pela Nova Era. Novas teorias, como a quântica, apresentam caráter esotérico em apoio a novo paradigma. Estamos entre extremos de uma rápida síntese híbrida e uma esquizofrenia epistemológica. Não se pode eludir o caminho lento e difícil da história e da construção do conceito.

Essa problemática leva o A. a aprofundar temas cristãos como a origem cristã da ciência, ao debater a questão entre Igreja e ciência. Tira uma primeira lição desse entrevero, criticando o sobrenaturalismo que explica fenômenos da natureza com recurso a um “mundo por detrás” inacessível, por princípio, pela razão humana. Também conclui pela insuficiência da posição de convergência entre ciência e religião. Um Deus que fosse um elo da cadeia explicativa de uma argumentação científica não seria um sujeito, mas um objeto. Defende-se a distinção de domínios.

A teologia cristã da criação não se opõe à abertura que ela propõe a outras racionalidades. É ato divino que abre espaço para todos os seres do mundo e em particular para toda a humanidade. O mundo não é nem um caos sem sentido nem um cenário com roteiro já definido por um único princípio uma vez para sempre. Nem acaso, nem necessidade.

Um capítulo é dedicado à posição de Teilhard de Chardin pela sua importância que volta de novo a ser reconhecida. Ele transita entre os extremos da separação completa entre visão científica e visão cristã do cosmos, como também uma confusão panteísta. Entre o extremo da separação, existe a via média da distinção.

E termina com a questão do ser humano. O mistério do ser humano está altamente ameaçado a desaparecer pela mistura explosiva dos êxitos da biotecnologia com o triunfo da economia neoliberal contra o fundo da crise das ideologias, reduzido ao estado de máquina. A tradição bíblico-cristã é muito sensível à questão do ser humano, criado à imagem de Deus, assumido pelo Verbo e glorificado pela

ressurreição. Ele é centro de construção do mundo, porque está intimamente vinculado a ele, como a biologia o demonstra. A liberdade do ser humano não se desliga de sua inscrição no mundo nem se reduz ao determinismo de uma visão excessivamente unitária, confundindo representação da realidade com a própria realidade.

O livro é claro, didático, pertinente. Excelente obra para adentrar o leitor na cálida problemática da relação ciência e religião e oferecer-lhe pistas de compreensão à luz da fé cristã.

JBL

RIEGER, Joerg: *Remember the Poor: the challenge to theology in the twenty-first century*. Harrisburg (Pennsylvania): Trinity Press International, 1998. 241 pp., 21,5 X 14 cm. ISBN 1-56338-256-3.

O A. é professor de teologia sistemática numa universidade metodista. Ele vem, portanto, de uma origem protestante. Os metodistas têm forte tradição social. Daí a sintonia do autor com a teologia a partir dos pobres. O livro cumpre importante função de levantar a questão dos pobres num país rico, nos EUA, e no meio protestante, pouco afeito a essa problemática. Num século que iniciou com o reinado solitário do neoliberalismo, o grito dos pobres, em terrível contraste com a riqueza crescente de uma minoria privilegiada, não só no Terceiro Mundo, mas já dentro do próprio Primeiro Mundo, soa forte. Ele se preocupa pelo “reverso da história”, o mundo dos pobres onde, p. ex., 35 mil crianças morrem de doenças hoje controláveis.

O livro responde ao imperativo de uma nova visão teológica diante do impasse das opções teológicas principais nas Américas à luz dos excluídos a fim de apontar novos trilhos. O A. se inspirou no encontro com pessoas em ambas as Américas e em ambos os lados do Atlântico, que são testemunhas da libertação de Deus. Ele conecta duas tradições bem diferentes: a da libertação simbolizada pelos contactos com Gustavo Gutiérrez e a de J. Lacan, psicanalista, incentivado por F. Jameson, nessa aventura interdisciplinar.

Por sua vez, também, estuda duas tradições da teologia da libertação, uma latino-americana na linha de Gutiérrez, outra norte-americana nas pegadas de Frederick Herzog. Pobres incluem uma compreensão pessoal e transpessoal, e a teologia se constrói a partir do subterrâneo da história, afastando-se do típico pensar liberal que trabalha com arcabouços já dados. Leva-se a sério o papel dos marginalizados. O encontro com os pobres transforma tanto a interpretação da tradição teológica como a compreensão do sujeito moderno, fulcros da teologia moderna. “Só se mudamos a nós mesmos em vista do povo ‘invisível’, estaremos conscientes do ‘Deus invisível’” (F. Herzog). “Sem novos encontros com o outro nas margens, demandas com a Alteridade de Deus podem ser perigosas ilusões”. O A. procura uma nova visão global dos pobres, no Sul e no Norte.

Na elaboração do modelo teórico, para superar o confinamento da teologia contemporânea à autoridade do sujeito moderno e dos textos eclesiais, o filósofo e

psicanalista francês J. Lacan oferece chance promissora. O seu conceito de “real” é uma tentativa de repensar os momentos de opressão e repressão, reformulando a virada para o sujeito e para o texto. Permite abertura ao submundo da história. O A. assume posição livre diante do pensamento de J. Lacan, buscando nele um espelho para ver refletido as estruturas de autoridade e de poder em jogo. É mapa, não sistema normativo.

O livro trata das seguintes questões: à luz do crescimento da marginalização e sofrimento atuais, como podem os que estão à margem ajudar a teologia tornar-se mais consciente e responsável do que Deus está fazendo? Como podemos criar mais espaços para a obra de Deus, que parece está sob constante tutela em muitas teologias contemporâneas que identificam a última autoridade teológica ou com o sujeito moderno ou com textos tradicionais da Igreja antes que com Deus mesmo?

Este é o programa do livro. Desenvolve-o em três partes. A primeira lida com o impasse da teologia contemporânea, estudando a autoridade e poder na linha principal protestante da teologia norte-americana e na da teologia católico-romana da América Latina.

Na segunda parte, fazem-se aproximações da realidade: o reverso da história transformando a teologia. A noção de real de Lacan ajuda a superar os dois pólos que prenderam o pensar ocidental: sujeito e texto. Algo se tinha perdido ou reprimido com a concentração nos dois elementos citados. J. Lacan mostra que o que está reprimido no inconsciente tem um considerável suporte no forjar a realidade. E o A. mostra como o encontro com o subterrâneo reprimido da história pode mover-nos além do binário sujeito e texto, isto é, criticando tanto o poder do texto quanto do sujeito. Alerta para o risco de romantizar o oprimido, como no caso do engrandecimento da mulher em muitos discursos. Outra maneira de domínio. Cabe reconstruir a autoridade e o poder a partir do outro real reprimido. O A. faz análises iluminadoras sobre o poder na linha dialética. Dois capítulos situam-nos no encontro com o outro. Um é dedicado à teologia dos EUA e outro à da América Latina. Mostra como superar nelas o binômio sujeito e texto.

Uma terceira parte estuda a mudança de paradigma em teologia, provocada pelo encontro com o povo do subterrâneo da história. Implica uma reflexão sobre a história a partir do seu reverso. Em seguida, Norte e Sul encontram-se face a face no referente ao poder na busca de nova compreensão do outro. Trata depois da irrupção dos pobres, que Gutiérrez trabalha no livro “A força histórica dos pobres”, e a irrupção de Deus que permitem o desenvolvimento de temas centrais para uma nova visão teológica em perspectiva transcultural e transdenominacional. O último capítulo fecha o livro com a apresentação da forma da nova teologia e da transformação mencionada dos que produzem a reflexão teológica. Este novo paradigma nasceu de percepção melhor do papel do povo oprimido na formação do poder e da autoridade teológica. Nada muda se os oprimidos emergem como “sujeitos autônomos”, incapazes de olhar para os vizinhos.

A teologia a partir do subterrâneo da história não é mais pretensiosa e sim humilde na consciência dos próprios limites. Nenhuma formulação teológica final

da luta libertadora é possível. Novas lutas contra a opressão emergem continuamente de maneira que pedem novas maneiras de ação e novos modos de reflexão.

Estamos diante de uma reflexão criativa, séria, comprometida que ultrapassa os limites regionais, sem perder as suas mordências. Traz para dentro dessa reflexão o pensador francês J. Lacan, que ninguém imaginaria ter algo a contribuir nesse campo. Vale a pena conferir.

JBL

MUTSCHLER, Hans-Dieter: *Physik und Religion*. Perspektiven und Grenzen eines Dialogs. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005. 293 pp., 22,5 X 15 cm. ISBN 3-534-15735-4.

O título parece fazer coabitar grandezas que se vêm tornando cada vez mais estranhas uma a outra. O A. escolheu de propósito esse binômio em vez de teologia e física que pareceria mais adequado teoricamente. Não quer fazer uma aproximação conforme “a natureza da coisa”, mas a partir do fato contingente histórico de que físicos desde séculos, mas muito mais acentuadamente nas últimas décadas, trataram do tema religião. As igrejas estão vazias, mas quando físicos falam de Deus enchem as salas, e seus livros vendem, quer eles entendam ou não de religião. Por trás existe uma intuição: religião é aquele campo em que os humanos penetram no mais íntimo da sua existência e assim, ao mesmo tempo, no mais íntimo do ser – isso parece que a física pelo campo do externo e da experiência verificável, reproduzível e quantificável faz, entrando naquele espaço limite onde a religião sempre esteve. Tal aparece lendo os escritos de Max Planck sobre religião, isto é, a ânsia científica e religiosa de Transcendência tem um objetivo final comum que resulta idêntico com o progresso científico. Na base há uma concepção platônica, segundo a qual a física orienta-se para o “ser em si”, isto é, para a “Idéia” e segundo a qual oferece a essa idéia do mundo cognoscibilidade e consistência. Ela, no fundo, como pensamento de Deus, possibilitaria a subida na esfera religiosa. Tais especulações metafísicas têm seus riscos. O A. pretende criticar as especulações metafísicas equivocadas. Mostra-se distante do uso de categorias científicas, que ele chama de configurações híbridas, que devem mais a desejos do que à ciência, e que estão sendo usadas para mostrar a harmonia entre física e religião. O livro é, no final das contas, crítico e destrutivo diante de tais sínteses apressadas, aludindo diretamente ao livro de Capra “O Tao da Física”. Religião e física dificilmente se intermediam.

O A. mostra que uma consideração religiosa da natureza está mais próxima das religiões asiáticas orientais por causa de sua concepção antes cosmológica e distante do Cristianismo por razão de sua fé pessoal, histórica. O cosmológico é secundário para o Cristianismo. Nele se acentua o histórico. O cosmológico permite mais conexão entre física e religião, enquanto o histórico existencial, próprio do Cristianismo, não.

O A. restringe-se à relação entre religião e física a partir da concepção judaico-cristã. Para ele há proximidade entre religião oriental asiática e física moderna, mas

observada de perto perde-se no vazio. Trata-se mais de uma moda do que de um fundamento consistente para um diálogo. Persegue o livro a exigência de verdade, como convém ao cientista, e não à praticidade e muito menos ao sabor do estilo dominante. Como lançar ponte entre física e religião, deixando de lado a inteligência? A tese central do livro é original e pertinente. Critica a atual atmosfera cultural antiintelectualista, sincrética, arbitrária e exótica que favorece certa permeabilidade entre religiões orientais e física.

Estuda a posição de Max Planck em relação à religião. Em seguida, aborda a prova física de Deus de Carl F. von Weizsäcker. Entra depois no “círculo místico”, no holismo, na teoria da ciência e prova negativa de Deus. Trata do círculo de Viena, o debate em torno Pauli-Jung para terminar com uma reflexão sistemática. O livro analisa com precisão e profundidade as filosofias subjacentes às reflexões dos físicos e a partir daí elabora suas críticas.

A tese central é mostrar a distância entre Religião e Física como pólos extremos das possibilidades humanas: a física enquanto ela conduz ao extremo nosso comportar-se objetivante, teórico com o mundo e a religião, enquanto práxis e subjetividade conduz radicalmente ao fim. Tensão difícil de suportar-se. Daí o surgimento de “sistema de compensação” de corte panteísta para abolir a tensão enquanto o Cristianismo a mantém. O livro é sério. Alerta para o nivelamento atual da radical tensão que o Cristianismo defende no interior do ser humano – ser quebrado, embora redimido, propondo uma harmonização fácil entre religião e física. Além do mais, exige-se do leitor certa familiaridade filosófica e científica.

JBL

RIEGER, Joerg: *Opting for the Margins: postmodernity and liberation in Christian Theology*. University Press, Oxford, 2003. 208 pp., 24 X 16 cm. ISBN 0-19-516119-X.

J. Rieger edita uma série de trabalhos que giram em torno da problemática dos pobres, da libertação em seu sentido bem amplo quanto ao conteúdo, à geografia, à etnia, às perspectivas teológicas. Ele é professor associado de Teologia Sistemática na Escola Perkins de Teologia na Universidade Metodista do Sul nos EUA. No século passado, a temática da opção pelos pobres esteve na fonte de muitas reflexões teológicas, bíblicas, pastorais. Estamos em plena pós-modernidade. A realidade dos pobres não melhorou, mas piorou. A preocupação por eles parece não responder a tal situação, antes tem arrefecido. Cabe retomar com novo ardor tal questão.

A opção pelos pobres na pós-modernidade sofre deslocamento para as minorias, para as diferenças. Esse livro enfrenta os desafios dos vários pontos de vista e do desenvolvimento dos novos modos de interpretar a opção pelos pobres num mundo pós-moderno. Os escritores refletem essa pluralidade: latinos/as, americanos latinos, americanos africanos, americanos asiáticos, americanos europeus, africanos europeus e europeus, homens e mulheres. Leitores preocupados com a piora da situação do povo marginalizado encontrarão novas abordagens. Os interessados na pós-modernidade depararão com uma aproximação provocante.

Pós-modernidade traduz o sentimento geral das mudanças dramáticas das últimas décadas. A realidade está sendo configurada virtualmente pelos computadores, circuitos eletrônicos, atenuando a linha divisória entre real e virtual. Vive-se e trabalha-se no ciberespaço. Fenômenos, como sofrimento do povo e opressão, tornam-se cada vez menos “reais” num mundo extremamente “virtual”. O pensamento pós-moderno está mais ligado à lógica do capitalismo tardio do que a disciplinas esotéricas. A esfera econômica subsume a política, a sociedade civil, a religião – o que antes parecia ter certa autonomia – e também os espaços mais remotos. Ela afeta a totalidade de nossa vida.

Há um pressuposto nos textos de que o capitalismo tardio, alma da pós-modernidade, não se combate ilusoriamente de fora, acusando-o de materialista ou consumista. Mas faz-se mister identificar as resistências a partir de dentro, dos lugares que estão sob grande pressão dentro do sistema, e que não capitularam completamente ao seu poder. A experiência moderna valoriza o fundamento das coisas: sua origem, seu enraizamento na realidade, seu lugar na ordem do universo. Enquanto a pós-modernidade é sem-profundidade. Interessa o que está à mão.

A partir de dentro da pós-modernidade, aqueles que estão nas margens percebem e são capazes de exprimir como é correto o aforismo pós-moderno e pós-estruturalista de que “significado é relação”. Mostram como os significantes das classes dominantes têm significado diferente para as classes marginalizadas e desde essa diferença de significado levantam críticas. “Os desafios vindos da periferia estão entre as poucas coisas que podem ter potencial para impelir-nos além do *status quo* pós-moderno”. Nessa perspectiva situam-se os textos do livro. Os teólogos e as Igrejas necessitam atender ao fato de que os modos de pensar pós-modernos não são idéias a serem promovidas ou rejeitadas, mas estão profundamente enraizados no desenvolvimento econômico e cultural do mundo pós-moderno”. O ponto de partida da economia pós-moderna é o “comércio movendo-se através das fronteiras”. Em relação com isso se entende o novo conceito de liberdade, salvação, caridade, missão, felicidade, diversidade. Sem perceber a imbricação economia e cultura não se entende a pós-modernidade.

A Teologia da Libertação é ainda mais importante na pós-modernidade onde a cultura do diferente procura integrar no sistema muitas das formas consideradas oprimidas: desempregados, indocumentados, sem teto e sem terra. São figuras exóticas que cabem bem no jogo terrível da pós-modernidade. No entanto, ela não consegue inserir os milhões de crianças que morrem de fome e doença, aquilo que acontece por debaixo do sistema. No máximo tenta mostrar que isso não existe ou é o preço inevitável a ser pago pelo único sistema possível, sem alternativa. É a partir daí que a Teologia da Libertação adquire novo vigor e atualidade. Por isso, é importante lançarmos um olhar penetrante sobre esse mundo subterrâneo da pós-modernidade econômica e aproximarmo-nos dele. Repressão, exploração e exclusão não são a última palavra. Os que vivem nessa situação são capazes de desenvolver uma crítica do *status quo* e de levar-nos a uma mirada para além dele em vista de novas alternativas.

Resumindo a proposta do livro, J. Rieger refere-se às novas fontes de energia e resistência que nascem precisamente nos lugares de “alta densidade”. Expressão

para traduzir a diferença da habitação entre os bairros ricos, de fraca densidade, e as favelas e habitações populares de alta densidade. São possíveis alternativas. O sugestivo desse livro vem da diversidade de origem e interesses dos autores. Trata-se de uma realidade que, por ela mesma, é extremamente complexa – a vida na periferia – além de ser analisada por olhares tão plurais: gênero, origem, denominação religiosa, cultura, experiências.

JBL

TERRIN, Aldo Natale: *Religione e neuroscienze: una sfida per l'antropologia culturale*. Brescia, Morcelliana, 2004. 287 pp., 22,5 X 15,5 cm. ISBN 88-372-2001-4.

A obra trata de um tema crucial. A antropologia cultural situa-se entre dois extremos: existe uma concepção do ser humano como natureza, matéria, cérebro, das idéias como puras representações, causalidades físicas, da religião reduzida ao funcionamento neuronal; outra afirma o espírito, oferece espaço ao significado, à motivação, à norma, à intencionalidade, à interioridade, à religião como relação com o Mistério. Diante dessas duas tendências extremas, as posições antropológicas tomam partido. Uma, que beira a esquizofrenia, separa radicalmente as duas instâncias – neurociências e religião. Outra, de cunho cientista, reduz tudo ao neurológico. Uma terceira, espiritualista mística, despreza a materialidade, voando para além do corpóreo. O A. assume o desafio de trabalhar, a partir de uma integralidade no ser humano, as duas dimensões a fim de articulá-las, não através de alguma conciliação superficial, mas mergulhando num nível originário e unitário de onde brota a diversidade da dimensão neurológica e espiritual.

A pergunta central do livro soa: quem somos hoje e como vivemos as experiências religiosas em relação ao cognitivismo e às neurociências? As novas ciências estabelecem como base de sua argumentação a condição “natural” dos estados anímicos. Cria-se um mundo estranho à subjetividade de que modo se nos passa a sensação incômoda de que o mundo religioso é uma interface obscura e vazia feita de representações externas, inoculadas viroticamente nos circuitos cerebrais ou como indesejadas parasitas que ocupam abusivamente a mente humana.

O problema situa-se no divisor de águas do valor das idéias e da função das representações, do cérebro puro computador em nível formal (máquina de Turing) e da profundidade do significado. Está em jogo uma visão cognitivista que rejeita toda intencionalidade. Há uma matemática dos sinais cognitivos, sem outras referências significativas. Pode-se reduzir a questão do sentido para o interno da fisiologia da mente/cérebro? Está em questão uma visão científica que considera os problemas na vertente naturalista com uma explicação natural dos significados aprendidos. A mente é apenas uma elaboradora de informações? E que diz uma antropologia cultural sobre esses problemas epistemológicos radicais, especialmente em relação com a religião e a teologia? Será que entraram em colapso a

intencionalidade, o mundo clássico de nossa consideração da transcendência da mente, da religião? Ela não seria mais que o resultado do funcionamento fisiológico de neurônios e sinapses do cérebro. Nesse caso, tal religião seria realmente uma religião? É a discussão do livro. O caminho de resposta vai na linha de mostrar no interior do contexto prático religioso as incoerências e contradições internas do método de estudo que exclui a outra parte, seja elementos da posição cognitivista, seja da intencionalidade da mente. O autor chama as posições extremas de externalista e internalista, e provoca um debate entre elas na primeira parte do livro. Termina esse debate com a nova proposta de uma visão eco-sistêmica que supera as antropologias cultural clássica, funcionalista e neofuncionalista.

Numa segunda parte, concentra-se sobre o ato particular da religião que é a mais pura e alta expressão e realização da fé: rito e liturgia. Relaciona a ambos com a neurobiologia, ao considerar no rito um aspecto de estrutura – ritmos, repetições, seqüências e formalizações – próxima do aspecto de funcionamentos naturais e de evento na perspectiva teológica. De novo, a tensão naturalismo (neurociências) e hermenêutica (religião).

Numa última e terceira parte, o conceito “crença” oferece campo para prosseguir o debate entre as duas vertentes em questão no livro, como um produto da fisiologia da mente e como uma simbologia do espírito. O autor defende a tese de que a crença é ponto de convergência de saberes e que em seu redor se encontra a força da liberdade e do simbolismo para vencer o puro embate da matéria alcançando uma purificação antropológica do positivismo próprio das ciências e da teologia. Uma visão eco-sistêmica, adotada pelo autor, constitui a verdadeira conciliação de mente e natureza, de religião e neurociências, pedindo revisão do paradigma dualista – transcendência e imanência, espírito e corpo, bem e mal, Deus e mundo em busca de uma unidade e recomposição de logos e carne, espírito e corpo numa grande moldura sistêmica. Esta responde às exigências da ciência e do espírito, recompondo as epistemologias numa expectativa holística que pretende superar o dualismo cartesiano e a relação imanência e transcendência, sem negar-lhes a configuração. É um novo paradigma de compreensão. Refere o todo ao mundo da percepção e depois ao mundo do pensamento estruturado a partir do mundo da vida, movendo da fenomenologia do cotidiano em direção à complexidade do mundo da ciência e propondo no fim uma recomposição entre espírito e matéria, mente e natureza num complexo eco-sistêmico.

O A. submete essas duas tendências a uma análise bem detalhada, estudando teóricos da atualidade significativos de cada uma delas e ponderando o peso dos argumentos. Excelente nível de informação com clareza e precisão. A obra é exigente no nível teórico.

JBL

LISSONI, Alfredo: *Os Enigmas do Vaticano*: história debatida e comentada dos mistérios mais desconcertantes da Cristandade. São Paulo: Madras, 2005. 182 pp., 23 X 15,8 cm. ISBN 85-7374-975-X.

Na onda levantada pelos livros sobre o Código da Vinci, os *Illuminati* e outros temas semelhantes navega este “Os Enigmas do Vaticano”. Fruto de jornalismo inteligente e informado, mas não isento de equívocos. Não se envereda por nenhum caminho de romance policial, mas antes prefere sondar abundante bibliografia, recolhendo, de maneira não bem estruturada, dados diversos. Entra pelas vias do “Sagrado Selvagem”, na expressão de Roger Bastide. Atravessa o livro o traço comum do exótico, do esotérico, do provocativo. Produz no leitor uma impressão, mais que intelecção, de uma Igreja como instituição detentora e ocultadora de mistérios que, se desvendados, lhe ameaçariam o futuro. É verdade que o faz com cautela, ora chamando de lenda ou mito, ora usando o verbo no tempo condicional em nítida conotação de suspeita da verdade de muitos fatos e informações. O conjunto, porém, impressiona pela abundância de dados na direção de um mundo de enigmas, fazendo jus ao título. Escolheu três áreas da história da Igreja que suscitam a curiosidade e que têm produzido ampla bibliografia. Debruça-se sobre o arquivo de documentos que se escondem nos porões da Biblioteca do Vaticano. Ao trabalhar aqueles que já vieram à luz, deixa a suspeita de que haja muitos outros, ainda mais fantasmáticos e surpreendentes, visitando o universo misterioso dos espíritos, dos demônios, dos seres sobrenaturais, que povoaram as mentes primitivas e medievais. Entre esses documentos e acontecimentos, figuram alguns muito conhecidos e estudados – os evangelhos apócrifos, os manuscritos do Mar Morto, a doação de Constantino, o Santo Sudário, a Lenda do Santo Graal – e outros menos acessíveis ao comum do leitor, como os livros malditos, a carta de Públio Lêntulo. Misturam-se textos e eventos de certo valor com outros de pura fantasia, como os que se referem à encenação da crucifixação de Jesus, que escapou com vida e peregrinou pela Ásia. A ordem dos temas não respeita nenhuma historicidade, saltando da Antigüidade para a Idade Média e para acontecimentos recentes e vice-versa. São temas díspares: paranormalidade, feitiçaria, movimento cátaro, destino dos apóstolos, etc. Um segundo capítulo concentra-se sobre os hereges. Segue-se o mesmo suspense de mistura de alhos com bugalhos: Seitas da Antigüidade, Orígenes, Inquisição, Caça às Bruxas, Dolcino, Templários. E um terceiro arco de estudos trabalha anjos, demônios, a criptologia das catedrais, o segredo de Fátima, o atentado a João Paulo II, ufologia e teologia. Numa palavra: é um livro que distrai, que oferece uma farândola de informação, bem no estilo sincrônico da pós-modernidade em que tudo se mostra no mesmo instante. De passagem, o livro tem equívocos históricos, como confundir agnosticismo com gnosticismo, interpretações fantasiosas, como a ação bélica dos jesuítas, e negligência na linguagem com erros de tradução e de construção de frase.

JBL